



## **A docência na contemporaneidade**

Alvino Moraes de Amorim<sup>1\*</sup>

<sup>1</sup>Mestrando em Educação pela Universidade de Uberaba - UNIUBE. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, Campus Vilhena, Vilhena - RO.

\*Autor para correspondência: Alvino Moraes de Amorim (alvino.amorim@ifro.edu.br)

### **Resumo**

O presente artigo compõe-se a partir dos estudos sobre Bernard Charlot, Maurice Tardif, Marcelo Garcia e Bernadete Gatti. O objetivo foi realizar uma reflexão do professor como um profissional da contradição social, econômico e cultural na sala de aula, que reinventa suas práticas pedagógicas na relação teoria e prática, pois a teoria é sempre discrepante da prática. A docência como ação de ensinar é complexa, o professor entende a educação como uma possibilidade de formar um ser humano melhor. Não há educação sem normas, exigências e autoridade. Precisamos de constantes atualizações científicas e pedagógicas para superarmos a visão técnica presente nos projetos pedagógicos, planos de ensino e avaliações. Os desencontros são de todos: alunos querem aulas mais atrativas e professores não encontram feedbacks dos alunos. Constata-se a necessidade de criar espaços nos ambientes escolares para a prática da reflexão sobre a docência. Nesse contexto, o professor é um agente de inovação, mas também de resistência, pois torna-se um agente de pensamento. A prática docente é, portanto, um espaço de formação e produção de saberes. Utilizamos a metodologia de revisão bibliográfica de pensadores que refletem sobre a temática e a experiência de sala de aula do autor. Perguntamos então, por que alguns alunos avançam e são bem sucedidos e outros não? Poderíamos dizer que a culpa é do professor, mas temos também a questão da origem social, e isto é complexo porque alunos de classe média também fracassam na escola, enquanto outros do meio popular se destacam nos estudos. Ancorando em mais de 15 anos de docência, ousamos ensaiar algumas considerações para não tergiversar. Parece-nos que é evidente como fator determinante para o sucesso ou o fracasso, o lugar em que a escola ocupa na cabeça do aluno. Faz-se urgente uma reforma das diretrizes curriculares das licenciaturas e das instituições formadoras compreenderem que forma-se um profissional e não cursos fragmentados em disciplinas, mas que tenha um eixo comum, por exemplo, a formação do professor e a escola.

**Palavras-chave:** formação, professor, educação.

Recebido para publicação: 04/05/2017- Aprovado: 06/08/2017

Revista Edutec, Ariquemes-RO, v.02, n.01, p.42-50, Jan. - Jun. 2017

## TEACHING IN THE CONTEMPORARY WORLD

### Abstract

The present article is based on the studies on Bernard Charlot, Maurice Tardif, Marcelo Garcia and Bernadete Gatti. The objective was to make a reflection of the professor like a professional of the social, economic and cultural contradiction in the classroom; he reinvents pedagogical practices in the relation theory and practice, because the theory is always divergent from practice. The teaching as action of teach is complex, the professor understands the education like a possibility to train a better human being. There is no education without standards, requirements and authority. We need constant scientific and pedagogical updates to we overcome the technical overview on the present pedagogical projects, teaching plans and assessments. The mismatches are of everyone: students want more attractive classes and professors don't find feedbacks of the students. It notes the need to create places in schools environments to the practice of reflection about the teaching. In this context, the professor is an agent of innovation, but also resistance because he is an agent of thought. The teaching practice is, therefore, a space of formation and production of knowledge. We use the methodology of the bibliographical review of thinkers who reflect about the thematic. So we ask, why do some students advance and succeed, and others not? We could say that it is the professor's fault, but we also have a problem of social origin and this is complex because middle-class students also fail at school, while others in the popular middle stand out in their students. Anchoring in more than 15 years of teaching we dare to rehearse some considerations to not misrepresent. It seems to us that it is evident as a determining factor for success or failure, the place that the school occupies in the student's head. A reform of the curriculum guidelines for degree courses and for training institutions is urgently needed, they have to understand they train a professional and not fragmented courses in disciplines, but which had a common axis, for example, professor training and school.

**Key-words:** formation, professor, education.

### Introdução

A constituição da identidade de ser “professor” está em crise no Brasil. Hoje poucos buscam as licenciaturas por vários motivos, entre eles os baixos salários, a carreira não tem perspectivas de melhorar ao longo do desenvolvimento profissional, a docência é a terceira categoria que mais emprega sendo 85% no sistema público (GATTI e BARRETO, 2009, p.17).

Charlot (2008), com muita propriedade descreve o professor como um profissional da contradição social, econômica e culturais e no nosso cotidiano da sala de aula, reinventando nossas práticas do confronto entre teoria e prática. Os desafios da formação das licenciaturas é formar o professor com as práticas pedagógicas e não um profissional que domina apenas o conteúdo.

A formação docente é sempre complexa, porque a teoria é discrepante da prática. Os valores, as relações interpessoais e as expectativas que vão tecendo a teia do processo ensino - aprendizagem, o que os pais esperam dos professores, o que o sistema educacional espera do professor, são tensões que são inerentes no desenvolvimento de nossa profissionalidade. A profissão de professor não existe sem o aluno, e é ele que completa a profissão docente. Para enfrentar a complexidade da profissão docente lembramos o livro de Perrenoud (2008) “ensinar com urgência decidir na incerteza”. Perrenoud (2008, p.15) define que o “ensinar com urgência decidir na incerteza é:

Agir na urgência é agir sem ter tempo de pensar e ainda menos, de pensar longamente os prós e os contras, de consultar obras de referência de buscar conselhos, de adiar a ação para identificar melhor os parâmetros da situação e considerar melhor as diversas possibilidades.

### **Material e Métodos**

O trabalho foi realizado com base na revisão bibliográfica de autores como: Charlot, Tardif, Garcia, Contreras e Gatti, dentre outros que pesquisam sobre a temática da formação docente e sua profissionalização. E na vivência pessoal de mais de quinze anos de docência. As contradições na formação docente proporcionam uma desmotivação no exercício da profissão, a preocupação com a necessidade de formação continuada dos professores, nos despertou para estudar o tema a partir do olhar dos teóricos que discutem o fazer pedagógico do professor na sala de aula. Destarte torna-se urgente a ampliação das políticas públicas que corroboram para a formação continuada do docente para assim alcançarmos a tão desejada qualidade do ensino em nossas escolas.

#### **1. Docência ação de ensinar**

Os parâmetros utilizados na Idade Média “ensino porque sei” tem se agravado nesta última década em diversas regiões do País. O que se tem de concreto de políticas de formação dos professores é ainda muito tímido. Fazem-se necessárias algumas competências devido o emaranhado e contradições que cerca nossa profissão. Tem-se observado que professores de outras áreas do saber se aventuram em ensinar além de seu domínio de conteúdo, levando os alunos a uma certa aversão a determinadas disciplinas, como por exemplo a Filosofia. Estamos em uma encruzilhada, e como fazer a mudança “ensino porque sei e sei ensinar”. A essa problemática nos alerta Maurice Tardif (2014, p. 266-267):

Pontua que o objeto do trabalho docente são seres humanos e, conseqüentemente, os saberes dos professores trazem consigo a marca do humano. [...] Os seres humanos têm a particularidade de existirem como indivíduos. Mesmo que pertençam a grupos, a coletividades, eles existem primeiro por si mesmos como indivíduos. Esse fenômeno da individualidade está no cerne do trabalho dos professores, pois, embora eles trabalhem com grupos de alunos, devem atingir os indivíduos que os compõem, pois são os indivíduos que aprendem.

Por ser o humano nosso objeto de estudo e das relações do professor é que concordamos com Teixeira (2007, p.33) quando afirma:

“Ser professor requer uma multiplicidade de atitudes que ultrapassam a previsibilidade”. [...] “É preciso aprender a lidar diariamente com o inesperado, os conflitos, as individualidades, a adversidade, e isso requer um tempo de formação para além dos limites das instituições de Ensino Superior”

Conhecimento que segundo Charlot, (2008) “é o resultado de uma experiência pessoal, ligada à atividade de um sujeito provido de qualidades afetivo-cognitivas”.

O professor é um especialista em malabarismo pedagógico porque o seu trabalho é difícil, quando inicia na profissão sente prazer, mas o pragmatismo, as pressões externas, desmotiva-o levando até à abandonar a profissão. Os pais querem que os filhos aprendam coisas interessantes na escola, e que sejam felizes e que sejam aprovados nos processos seletivos para ingressar na Universidade. Veja que a tarefa confiada aos professores não é fácil. O desafio tem sido construir a identidade do professor. Segundo Pimenta (1998, apud FAZENDA, 1998, p.165) “uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições”. Logo como afirma Charlot (2008), o professor é um profissional da contradição, porque lhe é atribuído competências que tem que fazer um verdadeiro milagre para atingir, a docência é um trabalho fundamental numa sociedade em transição como a nossa.

O professor deve reinventar suas práticas, do confronto entre teoria e prática, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, construindo seus significados enquanto ator e autor conferem à atividade docente seu cotidiano a partir de seus valores, seu modo de situar-se no mundo, sua história de vida, suas representações, seus saberes, suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida de ser professor. Mas o professor tem em seu papel o da resistência frente à sociedade individualista e competitiva vivenciada nas diversas dimensões política, econômica, religiosa e cultural. O professor vive em seu ambiente de trabalho com uma escola que é individualista e concorrente, ele deve difundir o valor da solidariedade.

Os desencontros são de todos, alunos querem aulas mais atrativas e professores não encontram feedbacks dos alunos. Constata-se a necessidade de se criar espaços nos ambientes

escolares para a prática de reflexão sobre a docência. Nesse contexto o professor torna-se um agente de inovação, mas também de resistência porque é um agente de pensamento. Afirma Giroux (1997, p.166) “a docência é um trabalho intelectual e não puramente técnico, está aí um núcleo para ser debatido porque as instituições com suas atribuições nos transformam em técnicos”. E em uma escola democrática os professores fazem o que as famílias não conseguem fazer na educação de seus filhos.

No Brasil os desafios dos docentes contrastam-se com os interesses econômicos ao longo da história. Olhando a evolução da profissão docente dos anos 60 até hoje, as cobranças para se adequar as essas novas exigências de comunicação tem interferido na vida do professor. Um dos dilemas é compreender/saber qual ser humano queremos formar? Para quem formar? Essas questões não estão bem claras, temos escolas no mesmo município, com sistemas diferentes que interferem diretamente na vida formativa do aluno. Nesta busca de superar os desafios, os professores, tanto vítimas como heróis, fazem o que Peter Woods (1990) chama de “estratégia de sobrevivência”. “O primeiro objetivo do professor é sobreviver, profissional e psicologicamente, e só a seguir vêm os objetivos de formação dos alunos”. A formação do professor deve ser um processo contínuo, “a formação de professores é um processo que tem de manter alguns princípios éticos, didáticos e pedagógicos comuns, independentemente do nível de formação em causa” (GARCIA, 1995, p. 55).

Na formação docente é fundamental a figura do aluno, o professor entende a educação como uma possibilidade de formar um ser humano melhor, não há educação sem normas, exigências e autoridade. Nossa formação tem como referência no slogan “aprende-se a ser professor na prática”. Nessa afirmação percebe-se a ideologia da docência como ofício e não como profissão, trazendo algumas consequências à desmobilização política, reivindicação de direitos básicos. Só observarmos neste momento o projeto escola sem partido, que vem sendo implementado pelo congresso e vai interferir diretamente na atuação profissional do professor. O trabalho docente entre outras coisas, busca fazer com que o aluno entenda que é o mais importante seria pensar pela sua cabeça, e esta torna-se uma relação de tensão, pois se o aluno não quiser estudar, o professor acaba por fracassar.

## **2. Novos modelos de Formação**

As correntes que mais se destacam em uma tendência que entende a docência e a formação partindo-se da prática, em direções as teorizações possíveis são: a Epistemologia da prática e a Fenomenologia existencial. Na epistemologia da prática, a noção de saber assumida engloba, em um sentido amplo, os conhecimentos, experiências, habilidades e atitudes que se

convencionaram a chamar de saber, saber fazer, saber ser. O professor como profissional técnico é um “expert infalível”. Confirma Contreras (2002, p.100) “A atitude profissional com que o expert infalível exerce sua prática oferece a segurança do inquestionável, a decisão unilateral e a imposição de seu ponto de vista técnico especialista”.

A profissão docente é complexa, precisamos de constantes atualizações científicas e pedagógicas para superarmos a visão técnica presente nos currículos, planos de ensino e avaliações. Aumenta-se a burocracia nas escolas e conseqüentemente leva o professor, a todo momento, ser apenas prático. A prática docente é, portanto, um espaço de formação e produção de saberes. Perguntamos então, porque alguns alunos avançam e são bem sucedidos e outros não? Poderíamos dizer que a culpa é do professor, no entanto, temos também a questão da origem social e isto é complexo porque alunos de classe média também fracassam na escola, enquanto os do meio popular se destacam nos estudos. Parece-nos que é evidente como fator determinante para o sucesso ou o fracasso, o lugar que a escola ocupa na cabeça do aluno.

As características dos saberes profissionais docentes de acordo com Tardif e Raymond (2000, p.260-265) pode ser assim entendida:

[...] 1- A temporalidade significa dizer da construção histórica do saber. 2- A pluralidade dos saberes, no sentido que provêm de diversas fontes, cultura pessoal, cultura escolar e formação acadêmica. 3- A personalização e contextualização dos saberes que nascem em contextos sociopolíticos. 4- O trabalho com seres humanos requer conhecimento dos alunos sobre si mesmos e das interações que se fazem no jogo da sala de aula.

A Fenomenologia existencial está ligada aos escritos autobiográficos, e a aprendizagem da docência nessa perspectiva, se dá, primeiramente pelo conhecimento de si, representações e subjetividades. Procura compreender e evocar a fala dos sujeitos, atores e autores de sua história. O processo de formação não se esgota na formação inicial acadêmica, e é no exercício da prática profissional que o professor constrói sua profissionalidade e sua identidade enquanto docente.

Para entender o fenômeno educacional Charlot (2008, p. 52), define o professor no Brasil assim:

[...] O professor é, também, rotulado como tradicional, quando utiliza os mesmos métodos pedagógicos dos professores das gerações anteriores. Vale refletir sobre esse argumento. Não corresponde à realidade atual: nenhum professor ensina como faziam outrora. Muitos gostariam de fazê-lo, mas isso se tornou impossível, já que tantas coisas mudaram.

As tensões no trabalho do professor são constantes, as reformas educacionais, resolvem problemas políticos e sociais, mas criam problemas pedagógicos, como temos vivenciado a questão da inclusão. A criança entra na sala e o professor deve buscar

metodologias para ensinar, o que sobrecarrega o professor, dificultando sua profissionalidade. O professor precisará compreender que os alunos não entram em nossas escolas para aprender, mas está lá porque o pai obriga.

Estamos vivendo em uma sociedade que temos direito a felicidade, e é contrária a uma pedagogia de regras, no entanto, em nossas escolas os professores têm uma prática tradicional, porque a escola lhe impõe. Fragmentação em classes, tempo e avaliações são do século passado, e quanto as notas, não conseguimos sair deste mecanismo de avaliação. Ao mesmo tempo exigimos que o professor trabalhe em equipe, faça pesquisa, construa o saber em uma sala fechada com um tempo que na maioria das vezes, é de apenas 50 minutos. É impossível fazer o que a gestão se pede para fazer.

Os professores foram “missionários”, logo depois, servidores públicos e agora são profissionais, ou seja, com a autonomia nos projetos políticos pedagógicos e as avaliações externas, nós professores temos que responder quanto à evasão e a repetência, não podemos jogar a culpa no governo, embora o faça. Talvez estejamos cansados de enfrentar as contradições da sala de aula, por exemplo, temos que trabalhar temas transversais: meio ambiente, gênero, entre outros, e por fim, o Ministério da Educação avalia português e matemática.

Os alunos começam sua corrida aos quatro anos, em uma concorrência que lhes são impostas e o professor precisa adequar, no que dizem as políticas educacionais para formar esse cidadão, e fazem o discurso de que nestes tempos de globalização precisa de pessoas cada vez mais reflexivas, responsáveis, autônomos e capazes de trabalhar em equipe. A educação é um direito antropológico no sentido que nascemos incompletos e, portanto, precisamos da educação logo. A educação não pode ser uma mercadoria, pois trata-se de um direito.

O professor enfrenta vários dilemas para desempenhar sua profissão como: condição de trabalho, salas superlotadas, falta de valorização profissional e pessoal e inexistência do trabalho cooperativo e coletivo no interior da escola. Entendendo esses dilemas, Jesus e Sonnevile (2008, p.67), relata:

[...] O problema é que sempre enxergamos a realidade, que é complexa, de maneira simples, recortada, estanque, descontextualizada e não percebemos que os fatos e fenômenos presentes nessa mesma realidade estão ligados entre si mesmos e em relação ao ser humano e à sua maneira de ser e estar no mundo. [...] é preciso romper com a falsa racionalidade técnica que enxerga as coisas em uma única direção embaça o olhar, a fim de percebê-las em movimentos em espiral, nos quais conceitos de ordem-desordem-interação-organização são retomados.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) discute a ideia de módulo escolar, em que o professor lota em apenas uma escola, evitando nossa peregrinação em duas ou mais escolas, a fim de completar a carga horária. São medidas simples que podem ser o diferencial na profissão docente (IPEA, 2017).

As licenciaturas devem oferecer em seus cursos, psicologia do desenvolvimento e práticas de ensino. Ainda que presente em algumas situações, é pouco como constatado por Gatti (2010, disponível na Revista Educ. Soc., Campinas [www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br) p. 1361 ), em sua pesquisa:

[...] o crescimento relativo dos cursos de formação de professores, entre 2001 e 2006, verifica-se que a oferta de cursos de Pedagogia, destinados à formação de professores polivalentes, praticamente dobrou (94%). As demais licenciaturas tiveram um aumento menor nessa oferta, cerca de 52%. Porém, o crescimento proporcional de matrículas ficou bem aquém: aumento de 37% nos cursos de Pedagogia e 40% nas demais licenciaturas. As universidades respondem por 63% desses cursos e, quanto ao número de matriculados, a maior parte está nas instituições privadas: 64% das matrículas em Pedagogia e 54% das matrículas nas demais licenciaturas.

Precisamos de investimentos na formação inicial do professor. Acontece que o professor de Biologia, Matemática vai trabalhar com crianças de 11 anos e jovens e alguns elementos pedagógicos são imprescindíveis, como o uso da tecnologia, linguagem e motivação. Para tanto, torna-se urgente a reforma das diretrizes curriculares das licenciaturas, de modo a compreenderem que forma-se um profissional e não cursos fragmentados em disciplinas, mas que tenha um eixo comum, como por exemplo, a formação do professor e a escola. Não é um Biólogo, Matemático ou Físico que está formando, mas um Professor.

### **Considerações Finais**

O professor como profissional da contradição, sabe que está preso nos discursos contraditórios, interpreta essas contradições em termos pessoais e o momento atual da formação docente que atravessa o Brasil gera indignação e desmoralização profissional.

As constantes tensões que a docência enfrenta vêm corroborando para pensar caminhos que vamos trilhar na valorização profissional, reinventando nossas práticas pedagógicas a fim de formar o ser humano em uma perspectiva holística, não fragmentando os saberes dissociando o ensino e pesquisa. É a terceira maior profissão do Brasil e os investimentos na formação continuada ainda são insuficientes para qualificar seus profissionais, aumentando o abismo entre a formação nas licenciaturas e a realidade.



## Referências Bibliográficas

CHARLOT, B. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. **Revista da FAEEBA: Educação e contemporaneidade**, Salvador, v.17, n.30, p.17-31, 2008.

CONTRERAS, D. J **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002. 328p.

FAZENDA, I. C. A. (Org).**Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 1998. 195p.

GATTI Bernadete. **Formação de professores no Brasil: características e problemas**. Edu.socl [online]. 2010, vol.31, n.113, PP.1355-1379. Out.-dez. 2010. Disponível em [WWW.cedes.unicamp.br](http://WWW.cedes.unicamp.br) acesso em 15 de agosto de 2016.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009. 294p.

GIROUX, H. A. **Os Professores como intelectuais transformadores: rumo a uma nova pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 270p.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Professores da educação básica no Brasil: condições de vida, inserção no mercado de trabalho e remuneração**. Brasília: Rio de Janeiro: IPEA, 2017. 44p.

JESUS, F. P.; SONNEVILLE, J. J. O paradigma da complexidade na formação docente contemporânea. **Revista da FAEEBA: Educação e contemporaneidade**, Salvador, v.17, n.30 p.59-72, 2008.

GARCIA, Carlos Marcelo. **O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência**. **Revista Brasileira de pesquisa sobre formação de Professor**. Form. Doc., Belo Horizonte, v. 02, n. 03, p. 11-49, ago./dez. 2010. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>.

GARCIA, Carlos Marcelo. **A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor**. IN: NOVOA, Antonio. Os professores e sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2008, 208p.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério**. **Educação & Sociedade**, Campinas, n.73, p.115-166, 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17.ed. Petrópolis: Vozes, 2014, 325p.

TEIXEIRA, G. F. **Tornar-se professor: a formação desenvolvida nos cursos de Física, Matemática e Química da Universidade Federal de Uberlândia**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007. 229p.